

PROJETO

# MANUELZÃO

Belo Horizonte • Abril de 1998 • Ano 1 • Nº 2

REVITALIZAÇÃO DA BACIA DO RIO DAS VELHAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS / INTERNATO RURAL DO DMPS / SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS DO MMA / IICA / COPASA / PREFEITURAS MUNICIPAIS

# DENGUE É LIÇÃO

Indivíduos *Homo sapiens* transformaram o mosquito *Aedes aegypti* em bode expiatório e chamam a polícia para resolver um problema ambiental e social. O Projeto Manuelzão está trabalhando, com o apoio de seus parceiros, para que não aconteçam outras epidemias como esta. E aí, depende do homem, não do mosquito.

PÁGINA 6



Como podemos nos tornar amigos do Rio das Velhas?  
Conversando e mobilizando todo mundo para o problema

## Copasa se integra à Universidade Pública

A Copasa, órgão de saneamento básico do Estado, faz parceria com a Universidade Pública e garante a permanência do Manuelzão, a melhoria da saúde de populações carentes e do ensino médico, expressando uma integração político-pedagógica e social. Durante a solenidade de assinatura do convênio, que contou com a presença do engenheiro Fábio Avelar, o Projeto lançou o primeiro número deste jornal.



O presidente da Copasa, Ruy Lage e o prof. Edison Corrêa, então diretor da Medicina, assinam o convênio que teve pleno apoio de Fábio Avelar

## Internato Rural completa 20 anos em Minas Gerais

O Projeto Manuelzão completou em janeiro seu primeiro ano de vida. Motivo de orgulho para a Universidade, ele foi inspirado em um homem do sertão, simples, vaqueiro, mas que adquiriu, no convívio com a natureza, a sabedoria da vida. Guimarães Rosa imortalizou Manuelzão em seus livros. Ao longo da vida, o vaqueiro assistiu a morte de muita gente, muitos animais e muito da natureza com a qual conviveu. Assistiu também a agonia lenta dos peixes e do próprio Rio das Velhas.

Por isto os doutores da Faculdade de Medicina da UFMG resolveram nomear o Projeto com o nome deste sábio das veredas. Que soube, como ninguém, enxergar o valor da natureza e sair em sua defesa, até seus últimos dias. O Projeto completa seu primeiro ano de vida, avalia seus acertos e corrige sua trajetória para o sucesso, seguindo os passos de seu irmão mais velho, o Internato Rural, que há duas décadas marca presença no interior.

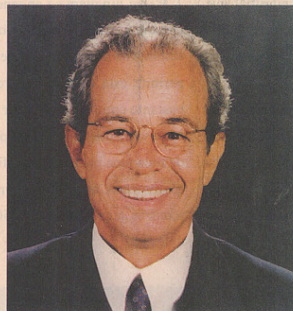
• Saiba mais nas PÁGINAS 4 E 5

AS MINAS DO RIO DAS VELHAS

NOVA COLUNA

# RAPOSOS

PÁGINA 7



## UFMG: Novo Reitor

O Reitor da UFMG, prof. Francisco César de Sá Barreto e a Vice-Reitora, prof. Ana Lúcia Gazolla, se comprometem firmemente com o Projeto Manuelzão. "Será uma das prioridades da nossa administração", afirma Sá Barreto. A professora Maria Cecília Diniz Nogueira, assessora para a Cooperação Interinstitucional, foi designada para ser a interlocutora imediata com o Manuelzão, agilizando as relações com as pró-reitorias, unidades e outras instituições. A Reitoria prevê a realização do I Seminário do Projeto Manuelzão, ainda em maio.

ASSEMBLÉIA

Deputado mineiro Gil Pereira promete incentivar ações em defesa do Rio das Velhas

PÁGINA 5

APOIO

Paulo Romano, da SRH, garante recursos e apoio político ao Projeto Manuelzão

PÁGINAS 5 e 8

## Surubim: Rei do Velhas

A xilogravura *Pescadores*, de Oswald Goeldi, nos faz lembrar dos bons tempos do Rio das Velhas, quando era fácil encontrar grandes peixes em suas águas. Fique atento. Denuncie qualquer agressão às nossas águas. O "futuro" agradece.



## Editorial

# Perspectivas do Projeto Manuelzão

**O Projeto Manuelzão se define pelo trabalho na Bacia do Rio das Velhas, em torno da saúde, ambiente e cidadania. As águas e a mobilização social são seus referenciais prioritários...**

Janeiro de 1998 assinala duas datas importantes na Faculdade de Medicina da UFMG: o primeiro aniversário do Projeto Manuelzão e o vigésimo do Internato Rural. Um é cria do outro, refletindo dois momentos históricos da luta da Faculdade de Medicina pela saúde coletiva tendo a mobilização social como importantíssimo componente. O Internato Rural foi porta-voz, com 10 anos de antecedência, das propostas constitucionais de 1988, que criaram o Sistema Único de Saúde, SUS. Embora sabotado e sistematicamente mal interpretado, o SUS significou um avanço sobre o que havia anteriormente, embora a qualidade da assistência e sua organização ainda sejam péssimas. O Internato Rural sempre trabalhou as possibilidades de sistemas assistenciais universais e equânimes, eficientes tecnicamente, sob controle social. Sempre denunciou o sistema político e econômico prevalente, a nível nacional e internacional, como o principal responsável pelo espectro de doenças no país. Hoje compreendemos melhor como a indústria da doença tira proveito das conseqüências do modelo econômico do país, exportador e excludente, que só pode priorizar o modelo curativo de prática assistencial. Conseguiram enquadrar o SUS a seus interesses. Conseguiram cooptar a burocracia pública, senão ao seu discurso, certamente à sua prática. Chegamos a um ponto em que miramos como exemplar a prática assistencial da veterinária agroindustrial, que tem na saúde animal seu objetivo máximo e seu lucro maior, enquanto que aos humanos se priorizam os investimentos em doença.

O Projeto Manuelzão se define pelo trabalho no espaço da **bacia hidrográfica do Rio das Velhas**, em torno do eixo temático **saúde, ambiente e cidadania**. As águas e a mobilização social são seus referenciais básicos e a biodiversidade da fauna aquática, em especial dos peixes, a âncora de um referenciamento a todo um complexo sistema de controle da

qualidade ambiental, da qualidade de vida e das mentalidades e hábitos da sociedade. O Projeto Manuelzão não está ligado a nenhum partido político. Ele pretende pertencer ao conjunto da sociedade e dos municípios. Apresenta um caráter interdisciplinar e interinstitucional a partir da definição de um **objetivo pontual comum**, meta que cada setor do conhecimento e da administração se propõe atingir: a volta e a preservação dos peixes nos cursos d'água de toda a bacia hidrográfica do Rio das Velhas. Não se trata de uma disciplina, um departamento, uma unidade, mas de um projeto da Universidade, que busca unificar ações de diversas áreas numa região geográfica de intervenção global, em torno de um objetivo comum a ser conquistado.

A proposta de trabalho deste Projeto é aberta ao conjunto da UFMG e da população, podendo envolver e acolher outras universidades, unidades técnico-científicas e instituições municipais, estaduais e federais. Nossa intenção é continuar com o Manuelzão até a conquista do objetivo proposto. É um desafio concreto para a Universidade mostrar sua excelência, um novo *campus* para a produção de conhecimentos, sua aplicação e transmissão. Em 1998 pretendemos consolidar uma linha de pesquisa e pós-graduação, além das atividades acadêmicas de graduação e extensão.

E que ninguém se engane, o chamado objetivo pontual comum não nasceu ao acaso, ou de um **tchan** poético. Resultante de um processo de elaboração intelectual, é ele que permite este trabalho interdisciplinar e interinstitucional bastante complexo. A partir dele, conquistaremos não apenas a volta dos peixes e sua preservação, mas a revitalização de toda uma bacia hidrográfica, com 51 municípios, 30 mil quilômetros quadrados, contando com a ajuda de, senão todos os seus 3 milhões e 500 mil habitantes, grande parte deles.

## Opinião

# Pampulha e Prosam: fatos e mitos

Ricardo M. Pinto Coelho\*

Coordeno um grupo de pesquisadores da UFMG que vem estudando a represa da Pampulha desde 1984. Durante todos estes anos temos constatado uma crescente degradação na represa. Tendo em vista que, em breve, deve sair do papel o projeto de despoluição da lagoa, acredito ser oportuno fazer algumas considerações no sentido de contribuir para que a população possa melhor avaliar alguns pontos que considero relevantes em relação à recuperação da represa.

Existe a idéia de que a despoluição da Pampulha irá custar muito caro. Despoluir um lago urbano é uma tarefa relativamente difícil mas não necessariamente cara. O principal problema da represa é a degradação da qualidade das águas dos tributários causada pela contaminação de esgotos. Esta situação poderia ser revertida, por exemplo, com a construção de uma estação de tratamento de esgotos de médio porte a montante da represa associada à conclusão da rede de interceptores existente na margem direita, onde chega a maior quantidade da água poluída. Este conjunto de obras, associado a um plano de ocupação do solo que impeça a verticalização e o adensamento populacional nas diversas sub-bacias, seria o suficiente para reverter o quadro atual, num primeiro momento.

O Programa de Saneamento da Copasa (Prosam), por exemplo, prevê um elenco de obras viárias que nada tem a ver com a qualidade da água da represa. Acredito que as chamadas "avenidas sanitárias" constituem-se em uma visão pouco original de saneamento urbano. Elas possuem um custo muito alto e, a longo prazo, elas poderão até agravar a degradação ao incentivar o adensamento populacional. Por outro lado, a interceptação de grande parte da água dos tributários com o seu desvio da represa para um possível tratamento à jusante no córrego do Onça, além de exigir um conjunto de obras de custo muito elevado, poderá causar um déficit de adução de água para a represa nos períodos mais secos do ano com uma considerável depreciação da qualidade de água neste período. Dados do monitoramento do reservatório indicam que a qualidade de água na Pampulha é extremamente dependente da quantidade de água que chega ao reservatório.

Por outro lado, tenho ouvido com frequência que a dragagem e a retirada de esgotos eliminarão todos os problemas ambientais existentes. A pura e simples retirada de esgotos da represa poderá trazer alguns resultados positivos a médio prazo que, no entanto, não serão sustentáveis se não forem associados a um plano de gestão ambiental de toda a bacia. Tal plano deve incluir um arco muito amplo de ações de governo que vão desde o monitoramento contínuo das condições ecológicas da represa até a concepção de política mais eficaz de uso do solo na sua bacia hidrográfica. Por outro lado, é improvável que uma dragagem de grandes proporções traga algum benefício a curto prazo para a represa. A dragagem deve restringir-se, inicialmente, à entrada dos tributários mais problemáticos tais como o Resaca-Sarandi.

Existem inúmeras soluções para reverter a degradação ecológica em que se encontra toda a região da Pampulha. Todas demandam certo aporte de recursos e, sobretudo, exigem uma equipe multidisciplinar, de alta competência, em diversos aspectos ligados à Ecologia Aquática (Limnologia), Hidrologia, Engenharia Sanitária, Saúde Pública e Ciências Sociais. A tarefa não é apenas da Prefeitura de Belo Horizonte. Se observarmos alguns casos de recuperação ecológica de lagos tais como o do Lac Léman (França/Suíça), Bodensee (Alemanha/Suíça/Austria) ou Lake Washington (EUA), veremos que o sucesso foi alcançado a partir da vontade explícita das comunidades envolvidas em ver seus lagos despoluídos. No Bodensee, por exemplo, o projeto foi concebido a partir de estudos limnológicos que embasaram as ações concretas de uma comissão internacional composta pela Alemanha, Suíça e Áustria, encarregada de executar e coordenar a despoluição do lago. A eutrofização foi controlada com a redução do fósforo inorgânico no lago, que foi obtida não só pelo tratamento e canalização dos esgotos, mas também por uma campanha ecológica que conscientizou os habitantes a não utilizarem detergentes com alto teor de fósforo em suas fórmulas. O dinheiro da despoluição foi obtido a partir da criação de um pequeno imposto temporário criado especificamente com a finalidade de despoluir o lago.

A preservação de um patrimônio histórico-cultural e ecológico em uma sociedade em rápida transformação como a brasileira não é tarefa fácil. Trata-se de um desafio coletivo que somente uma sociedade com alto grau de cidadania é capaz de engendrar. Se não conseguirmos reverter a poluição de uma pequena represa, como então poderemos pensar em diminuir a degradação ecológica de uma grande metrópole como Belo Horizonte?

A recuperação e preservação ambiental é, na maioria das vezes, complicada porque envolve interesses não raro conflitantes. Sem uma cidadania que garanta a expressão livre e transparente dos diferentes segmentos da comunidade dentro de um contexto social participativo e pluralista será muito difícil vencer o desafio de despoluir a Pampulha e partir para dar um salto qualitativo na qualidade de vida do belo-horizontino.

\* Professor do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.

## Ecoliteratura

# Em nome da Água... Em nome da Vida...

\* Ana Luiza Dolabela de Amorim Mazzini

Água para beber  
Água para o lazer  
Água para irrigar  
E as culturas multiplicar...

Água para proteger  
as comunidades aquáticas  
e fazer desabrochar  
a beleza da vida...

Água para transportar  
a cadeia da vida  
e poder escoar  
toda a produção...

Água para pescar...  
Água para harmonizar...  
Água para gerar  
a riqueza do povo...

Água para gerar  
eletricidade  
e poder depurar  
a poluição ...

Água para preservar  
a qualidade de vida  
e poder proteger  
a saúde do povo...

Água para contemplar  
e, pela sua energia,  
suavizar com alegria  
o suor de um dia...

Água para eliminar  
seus conflitos de uso  
e poder despertar  
a consciência do povo...

Água para preservar  
os parques, as reservas  
toda a ecologia  
e a origem da vida...

Água para produzir  
as mercadorias  
Água para conduzir  
o progresso do povo...

\* Engenheira química, professora de Proteção ao Meio Ambiente da Fumec e Mécica da Divisão de Pesquisa, Estudos e Planejamento da Fundação Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais, Feam.



# PELO AMBIENTE EM QUE VIVEMOS

Mais uma vez, o jornal do Projeto Manueirão traz para você informações sobre importantes entidades que têm seu trabalho, direta ou indiretamente, ligado ao meio ambiente. Nesta edição, você vai conferir como funciona a empresa responsável pela coleta de lixo em Belo Horizonte além de saber quem é o órgão gestor das águas no Estado de Minas. Vai conhecer também uma importante organização não governamental mineira, reconhecida internacionalmente.

## SLU

Quem trabalha com resíduos sólidos é um pouco engenheiro, um pouco agente de mobilização social, um pouco psicólogo. Isso quem afirma é a engenheira sanitária da SLU, Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte, Sinara Inácio Meireles Chenna. A engenheira tem plena convicção de que não basta uma única formação acadêmica para trabalhar com o lixo. "É fundamental estabelecer uma parceria multidisciplinar porque existe uma série de interfaces na geração de resíduos que não são resolvidos pela engenharia", avalia.

Sinara Chenna acredita que a sociedade vive a "moda do consumismo". Por isso, "quando trabalhamos com o lixo, automaticamente, estamos tratando as questões da conquista da cidadania, além do direito à informação para que a gente possa ter uma cidade com boa qualidade de vida".

De acordo com a engenheira, a SLU trabalha sobre um tripé: consistência tecnológica, qualificação e valorização do servidor e participação da população. Ela explica que a consistência tecnológica é o desenvolvimento da parte da engenharia de limpeza que dá suporte ao serviço de coleta, varrição, capina e outras atividades da limpeza urbana.

Quanto ao servidor, a linha de ação visa mostrar-lhe a importância de seu trabalho no contexto da limpeza urbana e também no contexto social. "Se o gari deixar de realizar a sua atividade, além de causar uma consequência estética, vai acarretar sérios danos à saúde pública", diz.

No que se refere à população, Sinara confia na eficiência da conscientização. Ela acrescenta que é preciso haver mudanças de hábitos em relação à produção de resíduos, além de ser preciso também questionar o desperdício e buscar formas alternativas de aproveitar o material, ao invés de apenas descartá-lo ao lixo.

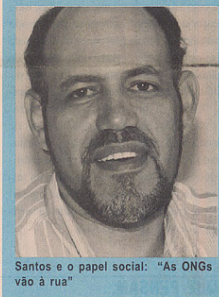
**COLETA SELETIVA** - Em Belo Horizonte, a coleta seletiva de materiais é feita em 67 locais. De acordo com a engenheira, além de ser extremamente caro realizar a coleta seletiva em toda a cidade, é neces-



Chenna: "Sociedade vive a moda do consumismo"



Maria de Lourdes: "Trabalho dependente de sistema de informações"



Santos e o papel social: "As ONGs vão à rua"

sário que haja uma campanha de conscientização reforçando a ideia de que os materiais recicláveis não são lixo, e sim, matérias-primas.

O lixo recolhido em BH chega a aproximadamente 3500 toneladas ao dia. Todo este lixo é levado para o aterro sanitário da SLU, que fica na BR 040. Como a SLU possui apenas um aterro, seu pessoal se preocupa em aumentar sua vida útil. "É uma das formas de se conseguir isto é através da conscientização da população para que ela gere menos resíduos", comenta a engenheira.

Sinara acredita que o lixo continua sendo um problema para o município porque existem áreas não urbanizadas onde é praticamente impossível o acesso para a coleta. E alerta para o perigo de se jogar entulhos em córregos, encostas, áreas de risco. Segundo ela, além de atrair vetores, insetos e animais que transmitem doenças, o lixo também é um forte agravante no processo de desmoronamento de encostas, obstrução de leitos de rios e do sistema de drenagem pluvial, acarretando os trágicos episódios de enchentes.

## Igam

Gerir a quantidade e a qualidade das águas de Minas Gerais é o papel do Instituto Mineiro de Gestão das Águas, Igam. Vinculado à Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentado, Semad, o órgão é o antigo Departamento de Água e Energia Elétrica de Minas Gerais que passou a Departamento de Recursos Hídricos, reformulado finalmente como Igam, em julho de 1997.

Segundo a engenheira Maria de Lourdes Pereira dos Santos, chefe da Assessoria de Planejamento e Coordenação, gerir a quantidade de água já era uma função dos antigos órgãos que antecederam ao Igam. Hoje, o controle da qualidade é responsabilidade da Fundação Estadual de Meio Ambiente, Feam, que possui uma equipe capacitada fazendo, inclusive, o enquadramento do Rio das Velhas. Mas, a engenheira garante que, de forma paulatina, o Igam irá assumir essa função.

De um modo geral, Maria de Lourdes observa que o papel do órgão gestor das

águas é muito difícil. Segundo ela, esse trabalho depende de um sistema muito bem montado de informações e, principalmente, da consciência de que a utilização racional da água é um fator de sobrevivência.

Ela explica que uma das competências do Igam é estimular a formação de comitês de bacias no Estado de Minas Gerais para que haja a descentralização do poder e a participação da sociedade nas decisões relativas à água. "O que se espera é que dentro de alguns anos tudo que se decida em relação às águas esteja ligado à decisão da sociedade civil e dos usuários, e não somente do poder público. Nós vamos fazer a gestão das águas a partir de decisões conjuntas", observa a engenheira.

O Comitê de Bacias, segundo Maria de Lourdes, tem caráter normativo e deliberativo e é composto por representantes dos poderes públicos estadual e municipal, usuários e sociedade civil. Ela lembra, também, que já existe um esboço de uma Agência que será o braço executivo do Comitê, com funções administrativa e financeira, viabilizando as decisões. Ela observa que a existência da Agência está vinculada à cobrança pelo uso da água, garantindo, assim, o desenvolvimento sustentável da bacia.

## Fundação Biodiversitas

Um grupo de pesquisadores do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG, que realizava projetos na área ambiental, criou em 1989 a Fundação Biodiversitas, organização não governamental (ONG) sem fins lucrativos. Seu presidente, o professor Dr. ICB, Angelo Machado, tem se dedicado também à literatura ambientalista infantil.

Segundo o superintendente executivo da Biodiversitas, Ilmar Santos, o papel das ONGs é de uma importância para a proteção da natureza. "No Brasil, existem mais de três mil ONGs ambientalistas e

99% destas entidades são ativistas", afirma Ilmar. "Elas vão à rua, protestam, denunciam, desempenham um importante papel social", completa.

O grande diferencial da Biodiversitas é sua perspectiva técnico-científica, tão importante para o fornecimento de dados sobre o meio ambiente. Além da proteção à fauna e à flora ameaçadas, a Fundação apoia o desenvolvimento de teses e pesquisas, e trabalhos de planejamento ambiental, capacitação profissional e de educação ambiental.

Os programas de conservação de áreas e projetos de pesquisa da Biodiversitas localizam-se em parques, reservas particulares, governamentais e em reservas da própria Fundação, espalhados por todo o país. A Biodiversitas possui duas áreas particulares, a Estação Biológica de Caudanos, na Bahia, e uma reserva de Mata Atlântica no município de Simonésia, Minas. "Nessas áreas, após pesquisas, traçamos uma linha de ação para a sobrevivência de espécies. Paralelamente, desenvolvemos programas de educação ambiental", explica o superintendente.

**CONSCIÊNCIA** - Ilmar Santos não acredita em modismo ecológico e afirma não ter dúvidas sobre um considerável crescimento da conscientização da sociedade. "Só acho que as medidas concretas para se evitar maiores danos ambientais ainda estão no papel", pondera. Para ele, o Ministério do Meio Ambiente é o menos expressivo de todos os ministérios. "A biosimplificação, a perda da biodiversidade ou da quantidade de espécies de uma região, corre num ritmo muito mais veloz do que o ritmo das ações para reverter o quadro", ressalta.

Apesar de considerar grave o quadro ambiental do Brasil, Ilmar Santos aposta na solução da maioria dos problemas atuais. "A esperança é esta geração que está vindo. Ela tem uma carga de informação muito maior do que nós tivemos. Tenho certeza que muitas dessas crianças vão ser os futuros legisladores, tomadores de decisões, com força de vontade política para reverter o quadro. Hoje, para muitos, meio ambiente ainda é plataforma eleitoral", enfatiza.

# A nova Lei Ambiental

\*Jarbas Soares Júnior

também a geração atual necessita utilizar-se dos recursos naturais para sua sobrevivência. Eis, portanto, uma questão delicada.

Se diz por aí que nós não somos donos do planeta, apenas o tomamos emprestado dos nossos filhos. Os nossos filhos tomarão a Terra emprestada dos nossos netos, etc. A mensagem é clara: devemos utilizar racionalmente os recursos naturais, preservando-os ao máximo, para, no futuro, não os faltem às gerações vindouras.

Assim é que bens como a água, o ar, o verde e a terra devem ser manuseados com a mais absoluta perícia, para que, não o sendo, acabemos por torná-los impróprios à vida humana. A água, por exemplo, já começa a faltar em certas regiões do mundo. Não é incorreto afirmar que em Minas Gerais (sim, aqui no nosso Estado) já estamos convivendo com a falência dos recursos hídricos. Qual de nós não poderia dar um exemplo de um córrego ou uma lagoa que secou?

**Não somos donos do planeta, apenas o tomamos emprestado dos nossos filhos. Os nossos filhos tomarão a terra emprestada dos nossos netos...**

Em razão desses fatos, o Congresso Nacional aprovou e o Presidente da República sancionou a lei que define os crimes ambientais. A partir de agora várias condutas passam a ser aprovadas com mais rigor, levando também os responsáveis pelas empresas causadoras dos danos ao meio ambiente para a cadeia, inclusive com penalidades às próprias pessoas jurídicas causadoras do dano. Antes, a lei não previa essa hipótese. Há várias sanções previstas além da prisão, como a prestação de serviços ao meio ambiente, a proibição de receber dos governos quaisquer incentivos, de participar de licitações e multas de até R\$ 50 milhões. Assim, por exemplo, quem desmatar as beiras de rio para plantar, além de ser obrigado a recuperar a área desmatada, será processado criminalmente perante a Justiça Federal, podendo ser condenado à prisão.

A nova lei ambiental protege a fauna (animais), a flora (vegetais), os rios e córregos, o ar, as áreas mineáveis, o sossego e o bem-estar da população e o patrimônio histórico, cultural, paisagístico, etnológico, ambiental, monumental, religioso, arqueológico, turístico e artístico, servindo de alento para que possamos ter uma vida melhor, resguardando à humanidade condições menos dolorosas de sobrevivência. Trata-se de indiscutível



Avanço, apesar dos vetos presidenciais. A inovação legislativa é um pouco lenta, mas já está melhor. Devagar chegaremos lá.

\*PROMOTORA DE JUSTIÇA DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE. DA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE DEFESA DO CIDADÃO DE MINAS GERAIS.

O lixo que é jogado nos rios, além de provocar doenças, pode ocasionar enchentes e ameaçar a vida dos inconseqüentes e também a de seus vizinhos

Há alguns anos o mundo, desenvolvido e industrializado, despertou-se para uma questão tormentosa: como conciliar o chamado desenvolvimento com a proteção dos recursos naturais? Os recursos naturais são finitos, podem se esgotar, e, portanto, devem ser utilizados com racionalidade. A sociedade, por sua vez, a cada dia se desenvolve, e com a população aumentando, se utiliza mais do meio ambiente para satisfazer suas necessidades básicas. Os métodos utilizados nem sempre são os mais corretos, isto quer dizer que a nossa geração, não resguardando os bens naturais, poderá deixar uma herança terrível à geração seguinte, e daí por diante. Os nossos filhos, netos, bisnetos, tataranetos, terão que suportar, certamente, condições insúperas na Terra, se não houver logo uma reversão desse quadro. Não se pode duvidar, no entanto, que

# 20 ANOS DE INTERNATO RURAL

**A Faculdade de Medicina da UFMG está em festa. O Internato Rural, disciplina do 11º primeiro período do curso, comemora 20 anos de luta em prol da saúde coletiva no interior do Estado de Minas. Através deste programa, 6 mil futuros médicos passaram por cerca de cento e cinquenta municípios mineiros.**

Exemplo

**F**ormar médicos com perfil generalista, policlínic, capaz de prestar assistência primária de saúde e exercer a medicina comunitária. Com essa ideia na cabeça, em 1972, um grupo de professores propôs, a partir do desenvolvimento de um novo currículo, a criação do Internato do curso de graduação em Medicina da UFMG, que contou com um amplo estudo das experiências de saúde coletiva existentes no Brasil. Em 1974, a grande participação de alunos e professores garantiu a aprovação oficial deste currículo. Implantada em 1978, a disciplina oferecia o internato hospitalar nas áreas de cirurgia, pediatria e clínica, e o Internato Rural, ponto alto do novo currículo.

A grande proposta de mudança era garantir a integração entre o ensino da Faculdade de Medicina e o serviço de saúde. A região escolhida para o início do Internato Rural, foi o norte de Minas, mais especificamente a área polarizada por Montes Claros. Ali estava sendo implantado o Projeto de Extensão de Cobertura do Serviço Público de Atenção Médica, que era um convênio entre o governo brasileiro e a *United States Agency for International Development*, Usaid. Este convênio garantiu a infra-estrutura na região, fornecendo recursos para a construção de uma rede de postos e centros de saúde (mais de 200) e o treinamento de pessoal auxiliar (cerca de 580), atendendo a uma população de mais de um milhão de habitantes.

Proseguindo sua trajetória, no início da década de 80, o Internato Rural atingiu a região de Teófilo Otoni, o chamado Vale do Mucuri. Ali, o aluno precisou desviar sua atenção do simples atendimento médico para a comunidade. A região estava em processo de organização popular elegendo a saúde como uma de suas principais bandeiras. Houve vários conflitos políticos porque o estagiário, convivendo diretamente com os problemas da população, passou a denunciar e a incomodar o poder público.

Entre 1983 e 1988, o Internato Rural atuou em treze municípios da região de Sete



**Há duas décadas o Internato Rural desbravou sertões e enfrentou as primeiras dificuldades...**

Lagoas. Já em 1989, o Vale do Aço, exigiu um novo papel do estagiário. Uma complexa rede de serviços e um expressivo número de profissionais da saúde obrigaram o aluno a se adaptar ao trabalho em equipe, orientando-se de acordo com os diversos programas desenvolvidos pelas prefeituras.

Daí, até 1996, o Internato Rural se dispersou pelo Estado. Nesse período, segundo o professor Antônio Leite, suas atividades não passaram de um difuso apoio ao sistema assistencial dos municípios conveniados. A ne-

cessidade de reanimação levou os professores a discutirem novas propostas de atuação. No seminário, realizado em agosto de 96, ficou decidido que os professores definiriam algumas linhas de trabalho. De acordo com o chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social, DMPS, professor Horácio Pereira de Faria, seria possível abordar, por exemplo, a construção do SUS numa perspectiva de mudança do modelo existente. Outra opção, segundo ele, seria o Programa Saúde da Família.

Desse seminário nasceu o Projeto Manuelzão, a primeira proposta de trabalhar uma área delimitada, a Bacia do Rio das Velhas, concentrando esforços para sua revitalização e a consequente melhoria da qualidade de vida da população.

## Histórias

**O**s 20 anos do Internato Rural guardam fatos que marcaram a vida da Faculdade de Medicina. A primeira viagem para o interior aconteceu numa noite chuvosa de 2 de janeiro de 1978. O professor Francisco Campos, primeiro coordenador da disciplina, recorda-se com clareza desta data e acredita que tudo foi muito improvisado. "Nós só percebemos que precisávamos de um carro dois dias antes. Além disso, não tínhamos a menor ideia de como seria a distribuição dos alunos", lembra Chico, como é conhecido, conta que um ônibus velho da Universidade transportou os alunos até Montes Claros e os professores viajaram no único carro que a Faculdade de Medicina possuía. "Somente no outro dia, o diretor, professor Benedictus Philadelphus, percebeu que havia ficado sem carro para conduzi-lo aqui em Belo Horizonte", observa Campos.

O atual Pró-Reitor de Extensão da UFMG, ex-diretor da Faculdade (94-98), professor Edison José Corrêa, que era o coordenador geral do Internato, recorda-se bem dos primeiros estagiários. "Quando o ônibus parou na porta da Faculdade, os alunos estavam com as expressões mais variadas, indo da euforia à tristeza", comenta, explicando que muitos da turma não concordavam com a disciplina e entraram com um mandado de segurança na Justiça. Na opinião do ex-diretor, o juiz concedeu um parecer memorável. "Ele disse que não iria discutir as razões de ordem acadêmica, mas sim, as de ordem social. Considerando que se tratava de alunos de uma Universidade pública, que tinham sua formação paga com impostos do povo, o Internato Rural significava um grande avanço no sentido da retribuição social", lembra Edison.

## Experiência marcante

**P**ara muitos estudantes, a experiência vivida durante o Internato Rural também é decisiva para a vida profissional. Na opinião do professor Horácio, também ex-aluno, os 20 anos do Internato e o grande apoio dos estudantes, prova a importância do estágio para o futuro médico. "Eu percebo, nestes 15 anos como professor, que o Internato Rural é uma experiência única na vida do estudante de medicina. No interior, o aluno consegue exercer seu trabalho com mais autonomia. E, principalmente, consegue perceber bem claramente qual é o seu papel enquanto profissional e enquanto cidadão, dentro do sistema de saúde que está aí", avalia Horácio.

Para o professor Geraldo Cury, atual coordenador do Internato Rural, que foi estagiário na cidade de Jequitá no último trimestre de 79, o convívio com os sistemas locais de saúde é fundamental para a formação acadêmica. "O aluno tem a oportunidade de interferir nestes sistemas e tentar adequá-los melhor às necessidades de saúde da população", considera Cury.

Aluno da segunda turma, o professor Antônio Leite Alves, um dos coordenadores do Projeto Manuelzão, acredita que os primeiros alunos deste programa tiveram de realizar um trabalho verdadeiramente heróico. "Eles tinham de cobrir a demanda assistencial da população", resalta. Explica ainda que devido às críticas ao excesso de tecnologia e sofisticação da medicina, o aluno era mandado para uma pequena cidade isolada, onde muitas vezes, não havia hospital e nem mesmo um profissional que pudesse orientá-lo tecnicamente e cientificamente.

A experiência parece ter definido seu futuro. Antônio Leite acabou optando pela Medicina Preventiva e Social. "Há dezessete anos acompanho o Internato. Posso dizer que desde o início. Após minha residência em Medicina Social, que era muito vinculada ao Internato, fui contratado como professor. Um ano depois de formado, estava na supervisão", conta Antônio Leite.

## Convênio

# Copasa é nossa mais nova aliada

**O** Projeto Manuelzão recebeu a adesão de um parceiro de peso, que, conforme seus coordenadores, já era ansiosamente esperado. A partir do convênio firmado entre a UFMG e a Companhia de Saneamento de Minas Gerais, Copasa, seu presidente, Ruy José Vianna Lage, se comprometeu a participar mais ativamente em prol da revitalização da Bacia do Rio das Velhas.

O acordo prevê a promoção de ações conjuntas entre as duas instituições, sob o patrocínio da Copasa, que participará do planejamento, execução e avaliação dos sub-projetos do Manuelzão, assim como de seu plano de trabalho e cronograma de ações. A Companhia incentivará ainda a realização de visitas técnicas dos alunos da Medicina a seus laboratórios, estações de tratamento e

outras dependências relacionadas ao saneamento e ao meio ambiente, além de participar do treinamento dos voluntários das comunidades atendidas para que possam atuar como agentes multiplicadores das ações propostas, junto às suas comunidades.

A Copasa, assim, estará ao lado dos parceiros precursores desta causa que o Internato Rural da Faculdade abraçou através deste Projeto: Secretaria Estadual de Recursos Hídricos e IICA, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura.

Segundo o professor Apolo Heringer Lisboa, "esta nova parceria expressa a integração do órgão de saneamento básico do Estado com a Universidade Pública, através de um projeto de ensino, extensão e pesquisa", o que para ele é um grande avanço político-pedagógico e social. Projeto Manuelzão e Copasa chegaram, então, a uma importante definição. Além de continuar fornecendo água potável para a população, elemento essencial para a saúde, a Copasa tem o objetivo de fazer o tratamento dos esgotos, preservar o meio ambiente e continuar nesta parceria com o Manuelzão ao longo de todos os 51 municípios da Bacia do Rio das Velhas.



Apolo, com o jornal do Projeto na mão, explicou os objetivos (acima). Ao lado, o presidente da Copasa, Ruy Lage, o diretor Fábio Avelar (esq.) e o prof. Edison Corrêa, então diretor da Medicina

## Jornal do Projeto

**Lançamento de veículo de informação prevê a divulgação democrática a respeito do Projeto à todas as comunidades da Bacia do Rio das Velhas, assim como também maior apoio a esta causa.**

**O** Jornal do Projeto Manuelzão agradeceu. Muitas pessoas elogiaram, criticaram e sugeriram mudanças, mas no fundo a maioria apoiou mais esta iniciativa do órgão de saneamento básico do Estado com a Universidade Pública, através de um projeto de ensino, extensão e pesquisa", o que para ele é um grande avanço político-pedagógico e social. Projeto Manuelzão e Copasa chegaram, então, a uma importante definição. Além de continuar fornecendo água potável para a população, elemento essencial para a saúde, a Copasa tem o objetivo de fazer o tratamento dos esgotos, preservar o meio ambiente e continuar nesta parceria com o Manuelzão ao longo de todos os 51 municípios da Bacia do Rio das Velhas.

O Jornal do Projeto Manuelzão vai abordar, de forma séria, didática e simples, temas ligados à questão do Meio Ambiente, (Org's, entidades e instituições públicas e privadas), e a questão da Educação em Saúde, além de ser também um veículo para expressão dos moradores da região. O jornal veiculará ainda denúncias de atentados contra o ambiente, em toda a Bacia.

## O QUE PENSAM...



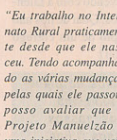
"O Projeto Manuelzão é muito interessante, inclusive por concentrar-se em uma região específica, que é a Bacia do Rio das Velhas. Além disso, está vinculada ao nome de Guimarães Rosa, que é uma pessoa importante na vida da Faculdade de Medicina."

PROFESSOR FRANCISCO CAMPOS, coordenador do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva e Nutrição, Nescon e 1º. coordenador do Internato Rural



"O Manuelzão aborda a questão ambiental como uma das determinantes da saúde. É uma experiência importante para o Internato Rural, principalmente porque segue uma linha definida de trabalho."

PROFESSOR HORÁCIO PEREIRA DE FARIA, chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG



"Eu trabalho no Internato Rural praticamente desde que ele nasceu. Tendo acompanhado as várias mudanças pelas quais ele passou, posso avaliar que o Projeto Manuelzão é uma iniciativa que veio para ficar, pois vem crescendo a cada dia."

RAIMUNDO SOARES DOS SANTOS, secretário do Internato Rural da Faculdade de Medicina da UFMG



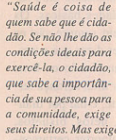
"O Projeto Manuelzão segue uma linha que é a da ecologia. Esta iniciativa é importante para o Internato Rural."

PROFESSOR EDISON JOSÉ CORRÊA, ex-diretor da Faculdade de Medicina/pol-reitor de Extensão da UFMG



"A iniciativa deste Projeto é muito importante porque ela irá tratar da saúde do meio ambiente e da saúde das pessoas."

MARIA DALCE RICAS, superintendente executiva da Associação Mineira de Defesa do Ambiente, Amda



"O Projeto Manuelzão se constitui em ações concretas de melhoria do ambiente e da qualidade de vida da população da Bacia do Rio das Velhas."

ALEXANDRE AUGUSTO, gerente administrativo do Projeto Manuelzão

MARCUS VINÍCIUS DOS SANTOS, jornalista, assessor de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG

# MANUELZÃO COMEMORA UM ANO

**Revitalizar a Bacia do Rio das Velhas é o objetivo final do Projeto Manuelzão que completa um ano de muito sucesso e perspectivas de ampliação.**

saúde e do meio ambiente. Isto é um marco", considera o professor Marcus Polignano. Em sua avaliação, ele acredita que o Projeto avançou muito em seu primeiro ano de existência. "Hoje, além de todo trabalho social e de mobilização, contamos com uma importante infraestrutura administrativa, escritório, material de divulgação, vídeos

educativos, e até mesmo uma Van Mercedes Benz, que vai agilizar os trabalhos de campo", diz Polignano. Para o professor Antônio Leite, o Projeto Manuelzão conseguiu alcançar a legitimidade. "O objetivo final do Manuelzão é algo que só vai ser atingido a longo prazo. Ele depende de ações coordenadas no sentido da mobilização social e

de um grande número de obras de saneamento. Contudo, podemos falar em resultados. Hoje, o Manuelzão é reconhecido institucionalmente, tanto pela Universidade quanto pelos órgãos que tratam da questão ambiental e, principalmente, pelas prefeituras, onde as ações realmente acontecem", finaliza Antônio Leite.

**F**inanciado pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, IICA, órgão ligado ao Banco Mundial, e recebendo total apoio da Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, o Manuelzão é uma proposta de extensão interdisciplinar e interinstitucional da Faculdade de Medicina, que engloba saúde, ambiente e cidadania.

O coordenador geral do Projeto Manuelzão, professor Apolo Heringer, acredita que é preciso mudar o jogo da indústria da doença. "Ela existe desde a produção de medicamentos, equipamentos, até ao atendimento hospitalar. No Brasil, investe-se para ganhar dinheiro com a doença do povo. Não há políticas de prevenção. É importante ter a consciência de que saúde não é um problema só de médico. Saúde é problema multisectorial, transdisciplinar, interinstitucional e filosófico. Estas são as linhas do Manuelzão", explica.

Participam ainda da elaboração do projeto os professores Antônio Leite Alves e Marcus Vinicius Polignano.

## Velhas

atingir os 51 municípios da Bacia do Velhas, numa área de 30 mil quilômetros quadrados e mais de 3 milhões e 600 mil habitantes, é o ideal maior do Manuelzão. Atualmente, ele já se encontra instalado em 13 localidades da região: Lassance, Rio Acima, Raposos, Matozinhos, Curvelo, Santana do Riacho, Santana do Pirapama, Santa Luzia, Corinto, Várzea da Palma, Santana do Pirapama, Belo Horizonte e Cordisburgo.

"O Projeto Manuelzão conseguiu trazer para a Universidade e, também, para a sociedade, a questão da



...O Projeto Manuelzão trouxe um diferencial ambientalista e delimitou sua área de atuação à Bacia do Rio das Velhas



O Projeto Manuelzão acaba de adquirir uma Van, modelo Sprinter, da Mercedes-Benz, com 15 lugares. O objetivo é agilizar os trabalhos de campo

## Assembléia

# Deputados mineiros apoiam Projeto

**Através da iniciativa do deputado estadual Gil Pereira (PFL), o Projeto Manuelzão esteve em debate na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, em novembro passado, deixando bem clara a sua importância social. Paulo Romano, do Ministério do Meio Ambiente, mantém o incentivo.**

O professor Marcus Vinicius Polignano, um dos coordenadores do Projeto Manuelzão, foi logo esclarecendo que um dos principais objetivos do trabalho é rediscutir o processo da doença no Brasil. "Cada vez mais o custo da assistência vem aumentando. Não basta gastar dinheiro com a doença, é preciso mudar esta mentalidade". Ele ressaltou ainda que a ação dos médicos não deve ser voltada para a máquina da doença. "Chegamos à conclusão de que saúde é questão de cidadania e, portanto, devemos trabalhar também para o despertar da consciência de cidadania do povo", ensina Polignano.

Quanto à relação saúde-ambiente, Marcus Vinicius acredita que 60% dos fatores ligados às causas das doenças estão relacionados à conservação do ambiente em que vivemos. Preocupado, ele garante que, se não tivermos boas condições ambientais, com certeza não teremos populações saudias. "Todos sabemos o quão alarmante é a velocidade com que o processo de degradação tem avançado hoje em dia", ressaltou.

"O meu apoio ao Projeto Manuelzão deve-se principalmente a



Impressionado com os objetivos do Manuelzão o deputado Gil Pereira, presidente da Comissão de Turismo, Indústria e Comércio, afirmou que a Assembléia vai incentivar outras ações para que o Projeto Manuelzão possa expandir ainda mais o seu trabalho em defesa do Rio das Velhas e das comunidades que o cercam

este trabalho de conscientização e mobilização que possibilitará a mudança de hábitos e atitudes das comunidades", declarou o secretário de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Paulo Afonso Romano, um dos precursores da iniciativa, que acredita que é imprescindível a mobilização da sociedade

para reverter o quadro atual. O diretor de Operação e Expansão da Copasa, Fábio Lúcio Avelar, tem grandes expectativas na parceria com o Manuelzão, oficializada em novembro último. Afinal, segundo ele próprio, a Copasa é uma das empresas que mais poluem o Rio das Velhas com os esgotos urbanos. A partir deste

convênio o Projeto Manuelzão passa a realizar estudos relacionados à importância do saneamento básico para a saúde da população da região do Velhas.

Para o professor de Medicina Preventiva e Social, Apolo Heringer Lisboa, coordenador geral do Projeto, o debate na Assembléia foi mais uma vitória do Manuelzão. Discorrendo sobre os objetivos desse trabalho, Apolo saudavelmente preconiza que a humanidade precisa de novos modelos. "Nós queremos a saúde, o meio ambiente e uma nova sociedade", sentenciou.

Na ocasião, o Projeto contou também com o apoio dos deputados João Leite (PSDB) e Raul Lima Neto (PDT); prefeito de Corinto, Afonso Vítor Vianna de Andrade; prefeito de Inimutaba, Ângelo Augusto Souza, representante da Associação Mineira do Meio Ambiente, AMDA, sr. Maurício Cravo; Comissão de Meio Ambiente da Organização dos Advogados do Brasil, OAB-MG, Dr. Mário de Lacerda Werneck; vários estudantes da Faculdade de Medicina, além de representantes de entidades ambientalistas e governamentais.

## Mudando de Vida



As alunas Adriana e Márcia fizeram palestras em Matozinhos sobre pré-natal, planejamento familiar, climatério e meio ambiente

# Doutor Estagiário

**Futuros médicos tentam desmistificar o conceito de que saúde seja coisa só de médico.**

**A**ntes de partir para atuar no Projeto Manuelzão, junto à população das cidades

conveniadas, no interior, os estudantes são preparados para sua nova realidade. Eles assistem a uma série de palestras sobre meio ambiente, saúde e cidadania. São orientados a fazer mais do que apenas medicar os pacientes. Além de ensinar como prevenir certas doenças, seu principal papel é alertar a população de que o meio ambiente saudável é fundamental neste processo.

Adriana Camello e Márcia Menezes passaram pela experiência em Matozinhos. Fernanda Armond e José Carlos Vilela, foram para Santana do Riacho. Todos têm estórias para contar. "O Projeto Manuelzão e o Internato Rural foram os melhores presentes que a Faculdade poderia nos dar", afirmam, quase em coro, Adriana e Márcia. "Durante todo o curso a gente só fica envolvido com a medicina curativa. No Internato Rural temos a oportunidade de conhecer melhor e praticar a medicina preventiva", diz Márcia.

A dupla de Matozinhos, durante o terceiro trimestre de 97, dividiu seu tempo entre palestras sobre pré-natal, planejamento familiar e climatério e o atendimento no Centro de Saúde Dr. Jurandy Campos, que fica no distrito de Mocamboeiro. Elas também implantaram o Projeto Mudando de Vida, uma maneira eficaz de educar para a saúde e fazer o acompanhamento clínico da população. "Todas as terças e quintas fazíamos caminhada com o grupo de hipertensos. Primeiro a gente media a pressão arterial de todos, depois conversávamos sobre a importância da dieta, do exercício físico e da higiene", conta Adriana.

As duas realizaram também um concurso literário que abordou os principais temas do Manuelzão. A maioria das escolas públicas e particulares de 1ª e 2ª graus apoiou e participou do concurso, que resultou em trabalhos de alto nível, graças ao envolvimento de seus estudantes.

## Santana

Já em Santana do Riacho, Fernanda e José Carlos também tiveram muitas experiências novas. Fernanda conta que o único médico que havia na cidade foi embora e eles tiveram que resolver tudo sozinhos. "Isto foi muito importante porque nos obrigou a ter mais certeza e confiança no que fazíamos, exigindo maior responsabilidade no nosso trabalho", acredita Fernanda.

De acordo com a estudante, a casa dos estagiários do Projeto Manuelzão passou a ser um centro de referência médica para a cidade. "Mesmo quando o médico ainda estava atendendo, os pacientes nos procuravam. Até mesmo à noite as pessoas iam até nossa casa. Elas confiavam muito na gente", lembra orgulhosa. Mas, as experiências mais marcantes para a dupla, segundo Fernanda, foram os dois partos que fizeram. Um foi na zona rural, na Lapinha, que fica a 11 Km da cidade. "Quando o prefeito chegou lá em casa nos chamando de madrugada, não acreditei. Mas, tudo correu bem", comemora, lembrando que, uma semana depois, outro bebê desafiou seus nervos. Uma paciente chegou ao posto médico local já em trabalho de parto e não deu mais tempo de transportá-la para outra cidade. O parto foi feito ali mesmo.

Os estagiários também implantaram o Projeto Mudando de Vida na cidade e fizeram palestras nas escolas e no posto médico. Além disso, participaram de reuniões com as comunidades das zonas rural e urbana discutindo os principais problemas da população ribeirinha e apontando possíveis soluções para a preservação do Rio Cipó. Fernanda acredita que o trabalho de conscientização proposto pelo Manuelzão não vai ser feito da noite para o dia. "Vai demorar um pouco. Mas, acho que se todos os estagiários tiverem alto grau de envolvimento, com certeza vai dar certo", finaliza otimista.



Fernanda e as mães: experiência emocionante



## As Minas Gerais do Rio das Velhas

## Raposos viveu o ciclo do ouro e agora quer concluir o do lixo



A histórica Matriz de Nossa Senhora da Conceição foi a primeira igreja construída em Minas, em 1690, quando era uma pequena capela de pau-a-pique, de estilo barroco

A partir deste número 2, o *Jornal do Projeto Manuelzão* vai publicar artigos dos estagiários sobre as cidades nas quais conviveram, durante três meses, com as riquezas e problemas locais. Alunos de Medicina que têm muito, muito o que falar e aconselhar. A turma <sup>(1)</sup> que foi para Raposos no último trimestre de 97 será a primeira a usufruir deste espaço. Bem, mas agora, com você, Raposos ...

Raposos teve origem no início do ciclo do ouro e o garimpo era sua principal atividade econômica. Fundada em 1690, por Pedro de Moraes Raposo, que chegou ao local juntamente com famílias, amigos e gananciosos, em busca de ouro e pedras preciosas. Raposo foi o escolhido por Arthur de Sá Menezes, Governador Geral das Capitanias do RJ, SP e MG, o qual recebeu ordens de D. João V para explorar os sertões de Minas.

Por volta do ano de 1770 o povoado de Raposos entrou em decadência devido à diminuição do ouro de aluvião — que dá na superfície da terra. Existem na cidade várias minas que foram cavadas por escravos, assim que o ouro foi se esgotando. Depois do período do garimpo a Companhia Morro Velho instalou-se no município, e já há mais de 150 anos explora o ouro e seus derivados.

Além do fato de a Guerra dos Emboabas ter ocorrido parcialmente neste território, Raposos possui outros fatos históricos relevantes, embora muitos se tenham perdido através dos tempos, como a construção da primeira igreja de Minas Gerais, de 1690 a 1706, a matriz de Nossa Senhora da Con-

ceição. Em 1690 era uma pequena capela de pau-a-pique, de estilo barroco. Continha obras de Aleijadino, artesãos de Portugal e outros. Muitas peças e paramentos eclesásticos foram roubados ou transferidos para outras cidades.

Devido à escassez do ouro, por volta de 1850, a igreja estava abandonada, afinal a população havia saído da cidade. Somente a partir de 1954 é que sua reforma foi iniciada. A primeira fábrica de fósforos de MG, a "Luz Mineira", posteriormente chamada "Fósforos Farol", foi fundada em 1907, pelo industrial Germano da Silva Gomes e desativada em 1928.

Rica também em folclore, a região conserva diversas manifestações populares como Congado, Marujada, Moçambique, Cavalhada, Pastorinhas, Capoeira, Procissão das Almas e Folia de Reis, que ainda hoje atraem a atenção da população, que participa festiva.

em empobrecendo dia-a-dia. Em média, o nível sócio-econômico e cultural da população é muito baixo, já o índice de desemprego é alto. Pouquíssimos são os que ainda permanecem na mineração. A maioria da população economicamente ativa, empregada, trabalha no comércio de Belo Horizonte. Muitos, incluindo crianças, jovens e mulheres vivem da pensão de seus maridos, vítimas da sífilose, doença comum em mineiros causada pela aspiração de partículas de sílica.

No último ano, o principal problema da cidade foi o das enchentes, que desalojaram inúmeras famílias e destruíram pontes, casas, escolas, entre outros. Agora, com o início das chuvas, todos já estão temerosos, tendo em vista que muito pouco foi feito do ano passado para cá, para amenizar ou prevenir tais problemas. Falando em água, ela é em parte tratada pela Copasa, mas muitos moradores ainda a utilizam diretamente recolhida dos córregos e riachos. Rede de esgoto, quando existe, é canalizada diretamente para o rio, sem qualquer tratamento. Não há coleta de lixo urbano e regular, sendo este jogado em qualquer parte, incluindo o rio, ou queimado.

## Tempos difíceis

A Raposos de hoje é uma cidade-dormitório, e como não tem economia própria,

## VILA BELA

O que é belo, é belo aos olhos e basta...  
O que é bom, torna-se subitamente belo.

PLATÃO

Vila Bela é um bairro localizado na zona rural de Raposos, a 40 longos minutos do centro da cidade, a pé. Trata-se de uma comunidade que lá se instalou inicialmente nos anos 20, na época, basicamente de trabalhadores envolvidos com a mineração. A Bela de Raposos fica às margens do Rio das Velhas e suas casas são separadas como que em dois segmentos, ao longo da estrada férrea, historicamente, graças à atividade mineradora da região, o meio de transporte mais importante para a economia local.

O acesso à localidade pode até ser de carro, mas é preciso avisar ao viajante que a estrada não é pavimentada e está em mau estado de conservação. O mais comum mesmo é seguir pela estrada férrea, que passa no centro de Raposos. Até janeiro de 1997, antes de ser destruída pela enchente, podia-

se também chegar ao bairro através de uma pequena ponte metálica que ligava Vila Bela ao Bairro Matadouro. Podia-se...

A maioria da população tem luz da Cemig e água da Copasa, mas não tem nenhum telefone, público ou particular. Mas lá também não tem coleta de lixo. O que o pessoal de Vila Bela faz? Ou queima seus detritos sólidos ou joga tudo no Rio das Velhas. Aquela velha idéia: "o rio leva". E ele não leva.

Aprendemos muito em Vila Bela. Ela nos ensina que saúde vai além da assistência médica e é resultado de transformações locais, rumo a melhores condições de vida. Vida para o homem e vida às águas, terra e ar. Vila Bela nos ensina que saúde, meio ambiente e cidadania andam juntos, tornando plenas nossas existências. Nos ensina que o que é 'bom' torna-se, subitamente, belo.



## Olhos e gestos

Na Vila visitamos famílias, conhecemos homens, mulheres, crianças. Gente muito boa, bela, em um local onde a beleza se confina aos poucos recursos naturais, ainda intactos. Poucos e por trás de olhos e gestos dentro das gentes que lá vivem, ainda que esquecidas ou desconhecidas do resto do mundo. Gente como o Sr. Joaquim. Um homem de 46 anos que mais parecia ter 64, casado. Sua esposa, segundo vizinhos, ficou "assim, meio esquisita", com dificuldade de falar, após o marido tê-la abandonado há algum tempo. Mas ele já está de volta, em casa, bebendo e bebendo. E ela, continua "assim..."

Seus cinco filhos, crianças, logo nos mostraram que sabiam ler e escrever e ajudavam seus pais, que não sabiam. Mostraram-nos trabalhos escolares de bonitas cores e capricho, que estavam em uma mesa no canto da sala, outros espalhados pelas modestas paredes daquela casa, de potuquíssimos móveis. Era difícil imaginar como podia uma família morar em uma casa tão pobre, com tão poucas coisas dentro. Não vimos nada de se comer naquela casa mas o fato é que antes de nos despedirmos uma das crianças apareceu com uma latinha com alguns pedaços de rapadura e um sorriso ainda mais doce. O gesto nos silenciou e logo partimos. Uma vizinha mais tarde nos informou da presença de uma outra família na casa: os ratos

\* EXTRAÍDO DO RELATÓRIO DOS ESTAGIÁRIOS ADRIANA VASCONCELOS DE ALMEIDA, JULIANA DOS SANTOS, LUCIANO FERREIRA DRAGER E LUZ AUGUSTO FERNANDES DA SILVA

## PERFIL

## CLEBER SOLANO DE CASTRO

## O QUE JÁ FEZ

"Eu nasci em Raposos, em 1949. Perdi meu pai aos sete anos de idade. Aos 13, tive que trabalhar para sustentar minha mãe e duas irmãs mais novas. Durante 18 anos, trabalhei como barbeiro em Belo Horizonte. Todos os dias, saía de Raposos às 4 horas da manhã e voltava à noite meia. A necessidade de ajudar a família era tanta que a gente tinha que se sujeitar a dormir somente duas ou três horas por noite. Não me sobrou muito tempo para estudar. Em 72 eu voltei para Raposos e me casei com Maria das Graças Pimenta de Castro, atual diretora da Divisão de Ensino do Município, com quem tive duas filhas, Neiva (15) e Neila (10)."

## HISTÓRIA POLÍTICA

"Costumo dizer que entrei na política por brincadeira. Um amigo meu, Zizito, que era do PDS em 1981, me disse: "assim essa ficha que eu vou te filiar ao PDS". Até aquele momento, isto não queria dizer muita coisa. Só que ficando sério. Durante as convenções do partido em 82, como não havia número suficiente de candidatos para concorrer a vereador, Zizito lançou meu nome. Isso nunca tinha passado pela minha cabeça. Com muita insistência ele conseguiu me convencer. Nas eleições, eu fui o vereador mais votado pelo PDS. Em 88, fui novamente um dos mais votados, e em 1989 assumi por dois anos a presidência da Câmara, sendo escolhido por unanimidade.

Em 1992, foi a vez das eleições para prefeito. Levando em conta minha experiência como vereador e presidente da Câmara, candidatei-me a prefeito. Foram quatro candidatos, e eu fiquei em segundo lugar com uma diferença de quatrocentos votos. Em 96 voltei a me candidatar e obtive 50% dos votos válidos."

## AVALIAÇÃO

"Posso dizer que efetivamente tomamos posse em janeiro de 98. Durante todo o ano de 97, só tivemos problemas para resolver. Encontramos um endividamento em torno de R\$ 800 mil, o que representa quatro ou cinco meses de arrecadação. Além disso, fomos surpreendidos com as enchentes que inundaram a cidade em ja-

O Prefeito Cleber de Castro promete alterar o atual quadro da cidade: "Nossa administração privilegia a saúde e a educação"



REPERTEIRO: BROWN

neiro de 97. Agora em 98, começamos o ano inaugurando obras no município. Temos, também, dado total apoio à saúde e ao ensino. Constitucionalmente, temos que aplicar 10% da arrecadação municipal na saúde e, no entanto, estamos aplicando mais de 20%. Temos no município, 24 médicos para uma população de 16 mil habitantes, contando ainda com quatro estagiários do Projeto Manuelzão."

## QUESTÃO AMBIENTAL

"Foi na nossa gestão que se criou a Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Em relação às enchentes, chegamos à conclusão de que foi responsabilidade da Cemig. Houve um acúmulo de água na represa Rio de Pedras, que foi aberta indiscriminadamente. Entramos na justiça, não para perseguir ressarcimento financeiro, mas para prevenir problemas futuros.

Quanto ao Projeto Manuelzão, damos total apoio por se tratar de uma proposta abrangente, vinculando a saúde à questão ambiental."

Apoiando o Manuelzão, ao lado do Prefeito, estão a comunidade de Raposos, o presidente da Câmara Municipal, Odilon Eugênio de Freitas e demais vereadores, a Secretária Municipal de Educação, Marisa da Silva Brito, a Secretária Municipal de Saúde, Margaret Torres França Gonçalves, o Secretário Municipal de Obras, Lincoln Alves de Oliveira e o presidente da Associação Comunitária do Bairro Várzea do Sítio, Roberto Francisco Princeza.

# OEA Defende o Rio de Integração Nacional

Os Rios Paraguai e São Francisco vão ser beneficiados com recursos dos Fundos para Meio Ambiente Mundial, GEF, entidade ligada à Organização dos Estados Americanos, OEA. Estes recursos, que vão possibilitar à Secretaria de Recursos Hídricos, SRH, o desenvolvimento dos Projetos de Gerenciamento Integrado da Bacia do São Francisco e da sua Zona Costeira e da Bacia do Paraguai, foram financiados a fundo perdido, ou seja, podem ser entendidos como doação.

O representante da OEA, Nelson da Franca Ribeiro, garante que é extremamente difícil receber doações do GEF. "Os critérios são rigorosos. Para serem aprovados, os projetos têm que estar incluídos nas seguintes áreas: biodiversidade, proteção da biodiversidade, camada de ozônio, mudança climática e águas internacionais", esclarece.

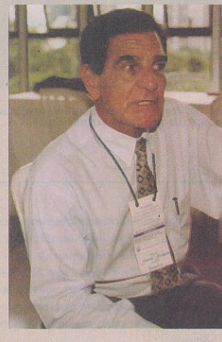
Segundo Nelson da Franca, o Alto Paraguai é considerado águas internacionais porque está na divisa com Paraguai e Bolívia. Já o São Francisco, explica, é um rio que corta diversos Estados brasileiros. "Além de possuir características transfronteiriças, ele deságua no Oceano Atlântico, que é um sistema internacional, afetando sua vida costeira. O São Francisco já vem causando danos ao Oceano Atlântico, como o aumento da sedimentação e do material orgânico", adverte.

Para a fase de elaboração dos projetos já foram liberados US\$ 341 mil. Após a aprovação, que será em julho, as cifras giram em torno de "milhões de dólares", garante o representante da OEA.

## São Francisco

O Projeto de Gerenciamento Integrado de Recursos Hídricos da Bacia do Rio São Francisco e da sua Zona Costeira

"Vamos ouvir as aspirações locais", avisa Marcus Minervino, da SRH...



conta com a participação popular na sua elaboração. Uma série de três workshops foi organizada para que os problemas do Rio fossem discutidos. O primeiro, realizado em Belo Horizonte, no prédio do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, CREA, no dia 25 de novembro, teve como tema principal o Alto São Francisco. O evento contou com a presença de representantes de órgãos públicos, organizações não governamentais, prefeituras da região, Projeto Manuelzão, e outras entidades ambientalistas. Em dezembro, a discussão foi sobre o Baixo São Francisco, em Penedos, Bahia. O Médio e o Sub-médio São Francisco esteve em debate no final de janeiro, na cidade de Petrolina, no Estado das Alagoas.

O coordenador nacional do Projeto de Gerenciamento da Bacia do São Francisco, Marcus Aurelius Minervino, acredita que os workshops representam uma fase inovadora da SRH. "Trabalhando de forma descentralizada e participativa vamos ouvir as aspirações locais. Quem vai dizer o que fazer no São Francisco são aqueles que mais entendem dele", salienta o coordenador.

## Rio das Velhas

O representante da OEA, Nelson Ribeiro, afirma que o Rio das Velhas é um dos pontos focais deste Projeto. Ele explica que este Rio, principal afluente do São Francisco, apresenta graves problemas de poluição, assoreamento e grande quantidade de resíduos da mineração. "Devido aos problemas do Rio das Velhas, é muito importante para nós que projetos específicos desta bacia sejam incorporados ao nosso. Estamos aguardando propostas", finaliza Nelson da Franca.



... que tem o apoio de Nelson Franca, da OEA: "Estamos aguardando propostas"



## Ciclo do Ouro

A obra "Comboio de diamantes passando por Caeté" (1821/1825) do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, retrata o ciclo do ouro em Minas Gerais. Foi neste período que nosso Estado viu acontecer as primeiras grandes agressões às suas águas em nome de riquezas. Ainda hoje, o lucro irresponsável é um dos grandes vilões de nossa sociedade.

## Gincanas

# VÁRZEA DA PALMA

Mochilas nas costas, mais uma dupla de estudantes de medicina partiu para o interior. Sua bagagem incluía de computadores a canivetes. Eric Grossi Morato e Geam Karlo Assis Santana garantem que antes de viajar, pesquisaram tudo sobre a pequena cidade de Várzea da Palma. Mas, confessam eles, tudo o que aprenderam antes sobre a cidade não se compara ao que viveram e sentiram naqueles sertões.

Os estagiários do Projeto Manuelzão fizeram inúmeros atendimentos no Posto Médico Rodopiário Aranha, que fica no centro da cidade. Para atender à população rural, Eric e Geam tiveram que enfrentar muitos atoleiros. "O acesso a algumas comunidades era tão difícil que tínhamos que utilizar tratores e barcos para chegar lá. Mas, com certeza, foram atendidos mais de 350 pacientes na zona rural", conta Eric.

Os dois ainda fizeram pequenas cirurgias no Hospital de Pronto Atendimento Municipal, onde contavam com sala cirúrgica reservada e uma enfermeira auxiliar. Atendendo duas vezes por semana, eles contabilizaram aproximadamente cem casos operados.

Em meio a tantos casos clínicos, Eric e Geam ainda resolveram realizar uma gincana ecológica no município. "Realizamos reuniões expondo os ideais e as metas do Projeto Manuelzão para o prefeito e para a maioria dos seus secretários. De início a recusa era visível", explica Geam. Mas, uma estratégia deu certo. "A idéia era enebriar as crianças e professores com as diretrizes do Projeto Manuelzão", lembram eufóricos. A partir daí, começou uma verdadeira maratona de palestras sobre ecologia, saúde, Rio das Velhas e lixo. A cada dia, Eric e Geam passaram a receber mais e mais pedidos para que fizessem palestras nas escolas.

Foram mais de 65, feitas para aproximadamente 3 mil alunos, em oito escolas estaduais e três municipais. A prefeitura



As gincanas ecológicas mostram a importância dos cuidados com o meio ambiente para prevenir doenças

e a Secretaria Municipal de Saúde financiaram o material didático, que informava sobre meio ambiente, drogas, sexualidade, higiene pessoal e doenças associadas à falta de saneamento básico. Graças à sua dedicação e persistência, a dupla conseguiu o apoio da prefeitura e das diretorias das escolas, e assim puderam organizar e realizar a I Gincana Ecológica de Várzea da Palma, que aconteceu na praça do Fórum durante a primeira semana de dezembro.

Para divulgar a Gincana Reciclando, todas as segundas-feiras eles tinham um horário na rádio da cidade. Cartazes e panfletos garantiram adesão de toda a população. O comércio local e o Projeto Manuelzão patrocinaram os prêmios doando bicicletas, relógios e muitos outros brindes.

As quatro equipes inscritas, Ekioló-

gica (E. E. Emília de Paula), Uai (E. E. Joseph Hein), Vida (E. E. Geraldo Sanguinetti) e Clorofila (E. E. Tancredos Neves), só tiveram mesmo que partir para as tarefas. Entre brincadeiras como torta na cara, caça ao tesouro, corrida do saco e tarefas relâmpago, a garotada ainda participou de peças teatrais e de um concurso literário. Na prova de arrecadação de material reciclável, mais de cinco toneladas foram recolhidas.

Além disso, mais de cem mudas de mata ciliar, doadas pelo Instituto Estadual de Florestas, IEF, foram replantadas.

O envolvimento de alunos e professores foi enorme. A equipe Uai, que faturou o 1º lugar, recebeu uma televisão 20" e uma bicicleta Mountain Bike por sua proeza. O 2º lugar, que ficou com o mais menos empolgada Ekiológica, levou um videocassete e uma bicicleta. A equipe Vida, 3º lugar, recebeu uma bicicleta e vários outros brindes. E a Clorofila, 4º lugar, recebeu brindes para serem sorteados entre os participantes, para incentivar a turma que, afinal, estava com a corda toda.

Os estagiários, felizes com os resultados, alertam que o importante é participar. "A I Gincana Ecológica de Várzea da Palma nasceu para questionar atitudes tais como a produção de lixo e o desmatamento da mata ciliar", explicam.

## PROJETO MANUELZÃO

Veículo de informação e instrumento de mobilização pela saúde

Faculdade de Medicina da  
Universidade Federal de Minas Gerais

Endereço: Av. Alfredo Balena, 190 – sala 10012 – Santa Efigênia  
Cep 30130-100. Belo Horizonte-MG

Telefones: (55 031) 226 5426 e 226 5744. Fax: (55 031) 226 5426.

e-mail: apoloh@medicina.ufmg.br



Coordenadores:  
Professores Apolo Heringer Lisboa, Antônio Leite Alves,  
Antônio Thomaz da Mata Machado e Marcus Vinícius Polignano

Assessoria de Comunicação Social

Coordenador e editor responsável:

Marcus Vinícius dos Santos – MTB 6.139 DRT/MG

e-mail: acs@medicina.ufmg.br

Sub-editora: Simone Costa

Edição gráfica: LH Comunicação, (031) 477 7226

Fotolo e impressão: Sempre Editora

Circulação: trimestral

Tiragem: 10.000 exemplares

\* É permitida a reprodução de matérias e artigos desde que citada a fonte e o autor